

**António Cândido Franco** (Lisboa, 1956), autor da biografia recentemente publicada *O Firmamento é Negro e não Azul. A Vida de Luiz Pacheco* (Quetzal, Janeiro de 2023), é professor na Universidade de Évora. Poeta, ensaísta, historiador, romancista, está ligado ao ensino público há mais de quatro décadas, esforçando-se, nas suas próprias palavras, por desaprender muito do que lhe ensinaram. Está ligado desde 1979 à revista de cultura libertária *A Ideia*, que se publica desde 1974, e que hoje, sob sua responsabilidade, se dedica ao estudo sistemático do Surrealismo em Portugal. É seu coordenador, editor e director desde 2012. Doutorou-se com tese sobre a obra de Teixeira de Pascoaes, autor que estuda desde 1984. Sobre Luiz Pacheco assinou ainda *Luiz Pacheco Essencial* (Maldoror/Letra Livre, 2017) e foi responsável pela edição de *Cartas ao Léu. Correspondência de Luiz Pacheco para João Carlos Raposo Nunes (1990-2003)* (Maldoror, 2020).



**DIGA  
33**

**POESIA NO TEATRO**  
PROGRAMA ELABORADO POR  
**HENRIQUE FIALHO**

**20 JUN 2023**

**LUIZ  
PACHECO**  
por **ANTÓNIO  
CÂNDIDO  
FRANCO**

**Luiz Pacheco** (Lisboa, 1925 - Montijo, 2008) cursou Filologia Românica sem nunca concluir os estudos. Tinha 21 anos quando se despediu de um emprego seguro na Inspeção-Geral dos Espectáculos, nunca mais conseguindo meios regulares de subsistência para sustentar uma família crescente. Fundou, com 25 anos, a editora Contraponto, publicando José Cardoso Pires, Mário Cesariny, Natália Correia, Herberto Helder, entre muitos outros. Residiu nas Caldas da Rainha, onde foi preso mais do que uma vez, entre 1964 e 1968, experiência devidamente relatada em *O Caso das Criancinhas Desaparecidas*. Vivía de esmolas, donativos ocasionais e do pouco que lhe rendia a literatura. Nunca deixando de incomodar, colaborou na imprensa, traduziu, elevou a epistolografia a género literário por excelência. Foi um crítico literário corrosivo e impiedoso. É o nosso exemplo mais evidente de escritor maldito e marginal.

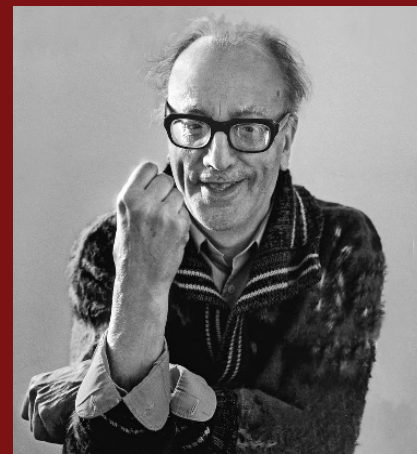


Foto: João Francisco Vilhena

As dificuldades para um autor português são tremendas. A nossa cultura é marginal. Imitar o Faulkner e *tutti quanti* de sério que se publica no Lá Fora um rematado disparate. Li, aqui em Massamá, Kafka e Beckett, por exemplo. Anotei o que é que não se pode fazer aqui — com esta gentinha, esta luz, esta paz (mesmo podre e mesquinha). Encontrar o tom nosso, a necessidade de nos definirmos e manifestarmos perante esses modelos e descobrir outros princípios, logo uma voz diferente e autêntica, eis a minha preocupação. Tudo o mais é paródia e humilhante. Mas vá lá dizer-se isto a estes literatos lisboetas dos cafés e das páginas literárias!

Luiz Pacheco, numa carta a Laureano Barros, datada de 1/11/70, in *O Grilo na Varanda — Luiz Pacheco para Laureano Barros (Correspondência, 1966-2001)*, Tinta-da-China, Junho de 2017, p. 98.

Cá em casa a nossa cama é a nossa liberdade imediata. Tem os nomes que quiserem. É a cama do pai de família, austero e mandão, ou do dorminhoco pesado quando regressa embriagado para casa. É a cama do libertino. É o leito (suponhamos!) Luís-Qualquer-Coisa, XV ou XVI, do milionário, porque nela somos reis e milionários de ternura e de abraços, de palavras ciciadas; e é o catre sem lençóis, fracas mantas, e mau cheiro, do maltês que não sabe para onde o destino o manda (e somos isto, e que de longes terras viemos! quantos naufrágios! quanta coisa fomos largando para facilitar a marcha até aqui), a enxerga do pedinte (e nós o somos também: porque temos falta de tudo e porque acordamos de manhã sem uma bucha de pão para dar às crianças e sem saber ainda onde o ir buscar). Podia ser (dava para) um bom título de uma comédia picante, bulevardesca: UMA CAMA PARA CINCO; idem para um filme neo-realista, onde nem cama houvesse, só umas palhas podres e mijadas, com gaibéus ensonados, embrutecidos do calor e do vinho, fedor de pés, talvez um harmónio desafiando as cigarras e os grilos na cálida noite da planície alentejana. Uma cama para cinco, em herança, constituía um demorado caso de partilhas. Nós dormimos. Às vezes, muitas vezes, beijos e abraços.

Luiz Pacheco, excerto de *Comunidade* (1964). In *Exercícios de Estilo*, Editorial Estampa, 3.ª edição, 1998, p. 118.

Convenhamos que o mundo ficaria bem mais pobre e mais vazio sem o Artista. Nenhuma classe, porém, está entre nós tão desprotegida. É certo que, geralmente depois de morto, o Artista beneficia de certas compensações... é falado, é lido e relido, comentado, antologado, imitado, entra no património nacional. Donde se poderá então concluir que o costumado confronto com a cigarra é odioso e injusto, que da cigarra pouco fica para o seu semelhante e os vindouros, mas do Artista fica muito em relação ao que deixa à maioria dos seus contemporâneos, que é caca.

Denunciemos com toda a energia a fórmula, hipócrita e falsamente optimista, que o amanhã é dos loucos de hoje (e Pessoa, que pôs a correr em verso esse lugar-comum, o exhibe melhor que ninguém: o “louco” era ele e os “de juízo”, os sensatos espertalhões, é que descobriram uma mina na sua obra). Quando se vê que as videirinhas formigas tomam conta, cedo ou tarde, do canto da cigarra para se alambazarem à sua custa, em boa fé somos levados a admitir que o canto sempre vale alguma coisa e justo será que seja ela, antes de ninguém, a lucrar com isso, ao menos para não morrer de fome e frio, tiritando a dançar no Inverno, como quer a fábula. E a formiga, claro!, para seu gozo e proveito.

Luiz Pacheco, excerto de *O Cachecol do Artista* (1965). In *Exercícios de Estilo*, Editorial Estampa, 3.ª edição, 1998, p. 131.

Escrever o que vivia foi o seu único projecto literário do princípio ao fim. (...) A literatura tem alguns poderes especiais — parece dizer o autor desta história. O de ressuscitar os mortos é um deles. Mas se os mortos pelo poder da palavra podem voltar à vida, isso já não se faz em carne mas apenas sob a forma de fantasmas, esqueletos tétricos que revivem. O criador poético é um demiurgo, mas demiurgo limitado, cujo poder não chega para salvar o mundo e o que nele há — se há — de azul.

[...]

Escrever a vida depois de a viver foi o projecto literário de Luiz José. Percebeu porém que a coincidência entre a vida e a escrita nunca podia ser total. Entre o facto e a ficção havia aproximação ou distância mas não coincidência absoluta. Ele teve consciência desse intervalo, em que estavam as palavras, e brincou voluntarioso com ele, por vezes distanciando-se ao máximo real, como sucede nos delírios d'*O Teodolito...*, intersectando espaços, tempos, personagens, ou forçando a aproximação entre o real e a escrita, até à ilusão da sua coincidência, como acontece n'*O Libertino...*

António Cândido Franco, in *O Firmamento é Negro e Não Azul. A vida de Luiz Pacheco*, Quetzal Editores, Janeiro de 2023.